

Diversão & Arte

» NAHIMA MACIEL

A INFINITA TURNÊ DO PATO

BANDA MINEIRA
TRAZ O ESPETÁCULO
MÚSICA DE BRINQUEDO
PARA O PALCO
DO SESI LAB HOJE
E AMANHÃ

Entrevista // JOHN ULHOA

O *Música de Brinquedo* proporciona uma certa nostalgia para os adultos e descoberta para as crianças: vocês se veem como mediadores de gerações?

Acho que sim, mas não que a gente busque; acontece. Isso de apresentar uma música que, para o pai, talvez seja nostálgico, e que chega nas crianças, que depois viram adolescentes e podem procurar os artistas originais e o próprio Pato Fu é muito legal. Tem gente que chega no Pato Fu por meio de *Música de Brinquedo*. Então tem uma conversa com a própria banda e com as gerações, ouvintes e artistas que acabam resgatados de uma maneira legal para uma plateia nova, que talvez não fosse ter contato com Genival Lacerda, Zé Ramalho, Rita Lee. Tem gente nova que nunca tinha ouvido *Ovelha negra*. Aí você pensa: 'isso não pode acontecer'.

O espetáculo tem um apelo visual grande, com os bonecos do Giramundo e todos aqueles instrumentos de brinquedos, o cenário.... Mas o quanto de engenharia tem por trás para fazer dar certo?

Tem um tanto de engenharia. A maioria desses instrumentos não têm uma maneira de captar o som próprio. Não têm uma saída de som para ligar no PA. Então a gente tem que ou abrir o brinquedo e colocar dentro, e eles não são feitos para serem abertos, ou colocar o microfone na saída de som dele. E nenhuma dessas duas coisas é maneira ideal de captar som, então a quantidade de problema que esse tipo de coisa dá é grande. A passagem de som do *Música de Brinquedo* é super demorada, muito mais que do Pato Fu, porque os instrumentos têm que ser verificados um a um, se estão funcionando naquele dia. Mas a gente se acostumou, temos nossas soluções. Entre todos os brinquedos que usamos elegemos alguns mais confiáveis para fazer o ao vivo.

Depois de 16 anos fazendo o *Música de Brinquedo*, você consegue olhar para um brinquedo e não pensar

que ele pode virar um instrumento musical?

Sempre faço isso. Entro nas lojas de brinquedo e vou direto no instrumento ver se tem algo diferente. Hoje em dia tem muita coisa. Os instrumentos são baratinhos, mas quebram fácil. Aí você acha que pode comprar outro, mas quando vai ver não tem mais, porque é um negócio daquela temporada. Mas ainda entro nas lojas de brinquedo e vou ver o que tem. Às vezes o cara me pergunta 'quantos anos tem criança?'. Eu digo: 60!

É um repertório fácil de ser criado? O que ele precisa ter?

Fazer repertório para o *Música de Brinquedo* é mais difícil do que parece. Muita gente manda sugestão. Quase todas as sugestões são de músicas infantis, mas o projeto não é de música infantil. Tem que ser música adulta, bem conhecida, para não parecer um projeto experimental maluco, algo que os pais vão se

lembrar, e tem que ter um instrumental bem conhecido. Riffs, pegadinhas musicais, isso tem que ter, e tem que ter uma letra cantável para uma criança, não pode ser pesado demais. Tem vários "senões". Eu, por exemplo, gostaria de cantar *Bohemian Rhapsody* inteiro sem o grupo chorar no meio da música.

FESTIVAL BRINCA+ — MÚSICA DE BRINQUEDO

Com Pato Fu e Giramundo. Hoje e amanhã, às 17h, na Praça da Árvore, no Sesi Lab (Setor Cultural Sul, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto). Ingressos gratuitos na bilheteria digital do Sesi Lab. Um lote extra será distribuído na bilheteria física do museu nos dias dos shows.



Quando o Pato Fu começou as primeiras experiências que resultariam no projeto *Música de Brinquedo*, o grupo nem imaginava que seria possível fazer uma espetáculo ao vivo. Tudo teve início em sessões de estúdio, como um experimento que tentava tirar notas afinadas de instrumentos musicais de brinquedo. "A parte técnica é muito complexa.

Para fazer um som legal, é mais complicado que com instrumentos normais. A gente não sabia dizer nem se seria possível fazer ao vivo", lembra o guitarrista John Ulhoa, um dos fundadores do Pato Fu. "Quando a gente começou a fazer o show, não conseguimos parar mais. A gente diz que é nossa turnê infinita. São 16 anos", conta o músico, que sobe ao palco hoje e amanhã, novamente, para apresentar o *Música de Brinquedo* no Sesi Lab como parte do Festival Brinca+.

A versão que o Pato Fu traz a Brasília é uma mistura dos álbuns *Música de Brinquedo 1 e 2*, sempre acompanhados dos bonecos do Giramundo, que fazem parte do espetáculo. Nesse repertório, entram músicas da banda mineira, mas a base do projeto sempre foi trazer para o palco covers de faixas famosas de artistas brasileiros e internacionais. Assim, fazem parte do show canções como *Sonifera ilha*, *Prima Live* and *let die*, *My Girl* e *Ovelha negra*. É essa combinação, na visão de John, que faz desse um projeto tão longo. "São músicas de sucesso e sucessos antigos, não tem música muito nova. Então chega para

as crianças através da memória afetiva dos pais. As músicas, quase todas, têm essa característica. E isso vai se renovando muitas vezes. O *Música de Brinquedo* é essa turnê infinita porque não precisa renovar muito repertório, as pessoas é que vão se renovando, vai nascendo mais público", repara o músico.

Mesmo assim, ele tem notado, nos últimos anos, que mais da metade da plateia vai ao show sem fantil ortodoxo, que vai só pai musical, um show, e com um repertório que não é infantil, só que as músicas são tocadas com instrumentos de brinquedo. Esses detalhes explicam durar tanto tempo", explica a capacidade de o projeto atravessar mais de uma década com a mesma configuração. John é um detalhista quando se trata de sonoridade: a pesquisa e o cuidado artesanal com os sons respondem por boa parte da personalidade do Pato Fu. Manter essa qualidade em *Música de Brinquedo* foi um desafio.

Instrumentos de brinquedo não são afinados, quebram com facilidade, são difíceis de tocar e de manusear, isso quando as notas corresponsam às sonoridades reais de uma escala musical. Além disso, não têm saída de captação de som. Portanto, eles precisam ser desmontados, remontados e manipulados, coisa que a banda, muitas vezes, faz ao vivo, no palco. "E tudo isso soa mais como se fosse uma orquestra bufa, é um monte de instrumentos que não são bem afinadinhos mas que, juntos, viram uma banda coesa", conta John.

"O mais difícil foi pegar o jeito no início de como fazer um show com esses instrumentos todos com limitações técnicas, entender como limitar esse som tecnicamente. O jeito de fazer esse show é um jeito bem relaxado. A gente aprendeu a relaxar com as imperfeições." Para os brinquedos, é preciso lidar com alternativas quando eles quebram e não podem ser repostos, porque não são mais fabricados, ou quando a plateia acaba em plena apresentação.

A primeira música gravada para o álbum foi *Ovelha negra*, o clássico de Rita Lee. "Começamos gravando o pianinho, foi o primeiro que experimentamos, e estava muito desafiado, ficamos meio cismados. Não ia dar certo. Mas fomos gravando e vimos que a orquestrinha de instrumentos ligeiramente desafinado, mas que juntos são muito legais", lembra John. Para ele, o maior ensinamento do *Música de Brinquedo* foi ampliar os limites, sobretudo na área de produção musical, quanto a que tipo de som pode ser útil dentro de uma música. "E, de vez em quando, levo isso para o Pato F ou para outras produções", conta. A curiosidade de buscar sons nos instrumentos de brinquedo deu coragem para explorar esse universo sonoro e mudou, inclusive, a relação da banda com o público. "Isso abriu muito minha cabeça, vi que posso usar de tudo para fazer som. E isso nos proporciona uma experiência de palco completamente diferente do Pato Fu, que é a experiência de ter crianças na plateia. E não era nada que estava nos planos", lembra John Ulhoa, que conversou com o *Correio* sobre o *Música de Brinquedo*. Confira a entrevista.